

RELAÇÃO PROFESSOR ESTUDANTE: perfil sócio identitário de estudantes e suas representações sobre o ensino universitário

RELACIÓN PROFESOR Y ESTUDIANTE: perfil de identidad social de los estudiantes y sus representaciones en la educación universitaria

TEACHER AND STUDENT RELATIONSHIP: the socio-identity profile of students and their representations about university education

Fabrcio Oliveira da Silva¹
<http://orcid.org/0000-0002-7962-7222>

Andrc Ricardo Lucas Vieira²
<http://orcid.org/0000-0002-9279-5802>

Wesley Ramos dos Santos³
<http://orcid.org/0000-0003-1760-2086>

Sergivaldo da Silva Militio Junior⁴
<http://orcid.org/0000-0003-3119-0348>

Resumo

O artigo discute a relao entre professores e estudantes na universidade, focalizando dois aspectos centrais: o perfil scio identitrio dos estudantes e as representaes destes sobre as estratgias de ensino utilizadas por seus professores no ensino universitrio. Neste sentido, o texto objetiva compreender o que dizem os estudantes sobre as aes pedaggicas de professores universitrios em relao ao desenvolvimento de aprendizagens logradas pelo estudante. A pesquisa de natureza quantitativa e revela os resultados de um questionrio do tipo survey, de

¹ Pds-Doutorado e Doutorado em Educao. Professor Permanente do Programa de Pds-Graduao em Educao – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Coordenador e pesquisador do Ncleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitria (NEPPU/UEFS). E-mail: fosilva@uefs.br

² Doutorando em Educao pela Universidade Federal de Sergipe – (PPGED/UFS). Professor do Instituto Federal do Sertao Pernambucano (IFSertaoPE) – Campus Santa Maria da Boa Vista-PE. Pesquisador do Ncleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitria (NEPPU/UEFS). E-mail: Andre.ricardo@ifsertao-pe.edu.br

³ Graduando em Engenharia da Computao pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista tcnico do Ncleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitria (NEPPU/UEFS). E-mail: wesleysrw@gmail.com

⁴ Graduando em Engenharia da Computao pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista tcnico do Ncleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitria (NEPPU/UEFS). E-mail: sergivaldo123@gmail.com

Como referenciar este artigo:

SILVA, Fabrcio Oliveira; VIEIRA, Andrc Ricardo Lucas; MILITIO JUNIOR, Sergivaldo da Silva. Relao professor estudante: perfil scio identitrio de estudantes e suas representaes sobre o ensino universitrio. *Revista Pedaggica*, v. 24, p. 1-24, ano 2022.

DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v24i1.6862>

36 questões, aplicado a 997 estudantes da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, de 28 distintos cursos de graduação da referida instituição. Os/as estudantes, em sua maioria são do sexo feminino; se autodeclaram pretos/as; são solteiros/as; não possuem filhos/as; moram com pais e/ou familiares em residências próprias ou de parentes, em Feira de Santana; e não desenvolvem atividade remunerada. Os estudantes ainda revelam que os professores consideram seus conhecimentos prévios; que os professores reservam tempo durante a aula para dirimir dúvidas; que a seleção do material didático é feita baseada nas dificuldades dos estudantes; que os professores desenvolvem estratégias para motivar os estudantes a aprenderem; que a maneira como seus professores se relacionam com eles influencia em suas aprendizagens; que os professores ensinam estratégias que facilitam a aprendizagem de conteúdos; e, por fim, que os professores disponibilizam tempo para atendimento aos estudantes fora do horário de aula.

Palavras-chave: Relação professor e estudante. Perfil sócio identitário estudantil. Estratégias de ensino.

Resumen

El artículo discute la relación entre profesores y estudiantes en la universidad, enfocándose en dos aspectos centrales: el perfil socio-identitario de los estudiantes y sus representaciones sobre las estrategias de enseñanza utilizadas por sus profesores en la educación universitaria. En este sentido, el texto tiene como objetivo comprender lo que dicen los estudiantes sobre las acciones pedagógicas de los profesores universitarios en relación con el desarrollo de los aprendizajes logrados por el estudiante. La investigación es de naturaleza cuantitativa y revela los resultados de un cuestionario tipo survey, con 36 preguntas, aplicado a 997 estudiantes de la Universidad Estadual de Feira de Santana - UEFS, de 28 diferentes cursos de pregrado diferentes de la mencionada institución. Los estudiantes son en su mayoría mujeres; se declaran negros; Son solteros; no tienen hijos; viven con sus padres y/o familiares en casa propia o de familiares, en Feira de Santana; y no participan de actividades remuneradas. Los estudiantes también revelan que los profesores consideran sus conocimientos previos; que los profesores reserven tiempo durante la clase para resolver dudas; que la selección del material didáctico se basa en las dificultades de los estudiantes; que los maestros desarrollan estrategias para motivar a los estudiantes a aprender; que la forma en que sus profesores se relacionan con ellos influye en su aprendizaje; que los maestros enseñen estrategias que faciliten el aprendizaje de contenidos; y, finalmente, que los maestros disponibilizan tiempo para ayudar a los estudiantes fuera del horario de clases.

Palabras clave: Relación profesor y alumno. Perfil socio identitario del estudiante. Estrategias de enseñanza.

Abstract

The article discusses the relationship between professors and students at university, focusing on two central aspects: the socio-identity profile of students and their representations about the teaching strategies used by their professors in university education. In this sense, the text aims to understand what students say about the pedagogical actions of university professors in relation to the development of learning achieved by the student. The research is quantitative in nature and reveals the results of a survey-type questionnaire, with 36 questions, applied to 997 students from the State University of Feira de Santana – UEFS, from 28 different undergraduate courses at the institution. The students are mostly female; they declare themselves black; are single; do not have children; they live with their parents and/or relatives in their own or relatives' homes, in Feira de Santana; and do not engage in paid activity. Students also reveal that teachers consider their prior

knowledge; that teachers set aside time during class to resolve doubts; that the selection of teaching material is based on the students' difficulties; that teachers develop strategies to motivate students to learn; that the way their teachers relate to them influences their learning; that teachers teach strategies that facilitate content learning; and, finally, that teachers make time available to assist students outside of class hours.

Keywords: Teacher and student relationship. Student socio-identity profile. Teaching Strategies.

INTRODUÇÃO

A relação professor e estudante na universidade tem sido problematizada por pesquisadores, como Silva (2020) que defende a ideia de que a relação professor e estudante na universidade é de fundamental importância para se entender como ocorre a promoção dos processos de ensino e de aprendizagem. O referido autor chama a atenção para o critério de confiabilidade que deve existir entre professor e estudante na universidade, face à necessidade de se garantir condições de segurança para que o estudante possa estabelecer relações dialógicas com seus professores e, em razão disso, sentir-se acolhido e em condições de tornar-se protagonista dos processos de aprendizagem.

É preciso, contudo, considerar que o contexto social é determinante, também, para que os estudantes estejam em condições de constituírem-se protagonistas das ações de aprendizagem na universidade. Assim, diante do contexto social em que estamos imersos, a relação professor e estudante tem se tornado mais complexa e tensa. Entre os vários fatores que estão envolvidos nesse processo, apontamos o agravamento da desigualdade e exclusão social, e outros problemas deles decorrentes: violência, prostituição, tráfico de drogas, instabilidade política e econômica que impactam diretamente na vida de jovens, contribuindo para a descrença na educação e em seus agentes. Tal dinâmica, não impede, contudo, que os jovens se insiram na universidade e busquem produzir aprendizagens que os possibilitem a desenvolverem-se social, intelectual e culturalmente.

Vivemos numa época em que as críticas à universidade e à produção de saber são constantes, sobretudo por quem pouco conhece o valor e o papel de uma educação superior e de qualidade. Vivemos um tempo em que o ataque à educação, aos jovens universitários e aos professores é produzido por uma política neoliberal, nefasta, que visa lucro e que entende que educação não é investimento, pelo contrário a entendem como

gasto. Tal política, por outro lado, tem favorecido e reforçado a pressão dos movimentos sociais para a ampliação de vagas no ensino superior para os oriundos de escolas públicas e baixa renda, abrindo caminho para as políticas de acesso e permanência neste segmento de ensino, mesmo sendo constituída muito mais pelas políticas das instituições universitárias do que pelas governamentais. A (re)existência de uma educação pública e democrática, assentada nos princípios de valorização das diferenças e reconhecimento das diversidades, favoreceu um movimento semelhante ao que aconteceu nas últimas décadas do século XX, o movimento de todas as crianças na escola. O mesmo parece ter acontecido no Ensino Superior, sobretudo em governos populares.

Outro aspecto que podemos citar que tem estreita relação com a temática da relação professor e estudante face ao desenvolvimento de aprendizagens foi o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Com essa possibilidade de acesso à informação, a organização tradicional da universidade não atende às necessidades reais dos estudantes, o que provoca falta de interesse pela instituição e a forma de organização metodológica de conteúdos refletidas na forma como os professores organizam suas aulas. Mas, quais são essas necessidades reais desses estudantes? O que desejam e como desejam alcançar suas metas no Ensino Superior? Como os professores têm desenvolvido estratégias de ensino que promovam condições de desenvolvimento de aprendizagens dos estudantes? São questões que burilam quando se reflete sobre a relação professor e estudante na universidade, em que deve, sobretudo, considerar-se quem são os estudantes, quais seus marcadores sociais e o que fazem os professores, pedagogicamente, para atender a necessidade de aprendizagem de tais estudantes.

Por outro lado, o professor, muitas vezes, distante dessas novas linguagens e considerando a tradição do ensino universitário baseado em palestras, preleções e exposições orais, além da quantidade de atividades inerentes a esse segmento de ensino, se sente inseguro em relação ao papel de mediador do processo de questionamento, reflexão e ressignificação desses conteúdos e à sua condição de ajudar os alunos a desenvolverem a capacidade de pensar e argumentar, que a nova realidade exige (SANTOS; SOARES, 2011), pois ele próprio está perdido no mar de informações e com pouca capacidade reflexiva sobre o trabalho docente, o que reduz sua autoridade frente aos

alunos acirrando as tensões entre esses sujeitos que não mais se reconhecem (MONTERO, 2001).

Nesse contexto, a percepção entre os professores é que os estudantes estão cada vez mais desinteressados pelos estudos e reconhecendo menos a sua autoridade ao tempo em que os estudantes se sentem desrespeitados pelos professores e consideram suas aulas monótonas e sem sentido (SANTOS, 2009). Ademais, é preciso considerar o fato de que as identidades estudantis nem sempre são levadas em consideração quando os professores desenvolvem suas aulas e seleções de conteúdos que, por vezes, estão muito mais voltadas para as temáticas específicas das áreas de formações do que das necessidades de aprendizagem dos estudantes.

A literatura aponta a existência de diversos estudos Mussi, 2013 e Zanchet; Cunha, 2017 que abordam a maneira como os professores universitários desenvolvem suas práticas educativas, seja por meio da percepção dos estudantes ou por meio da representação dos próprios professores. Essas pesquisas revelam, primeiramente, que a prática educativa dos professores universitários está pautada em dois modelos: o tradicional e o emergente; em segundo lugar, as pesquisas revelam uma falta de conhecimento das representações dos professores sobre suas próprias práticas educativas.

A configuração das dimensões relacionais e culturais da instituição, logo do professor e do estudante precisam ser consideradas a fim de que se possa discutir, na contemporaneidade, quem é o estudante universitário, qual o seu perfil sócio-identitário, e como esse estudante aprende. Para isso se faz necessário ouvir esses estudantes, saber deles como a relação professor e estudante se configura, sobretudo pelo viés do conhecimento e representações que os estudantes têm das práticas educativas que seus professores desenvolvem na universidade. O desenvolvimento de ações que estabeleçam condição de professores e estudantes se relacionarem afetiva e efetivamente na universidade possibilita que ambos estejam imbricados com os processos de ensino e de aprendizagem que na universidade se desenvolvem, segundo Silva (2020, p. 2) “numa perspectiva de se criar relações pedagógicas que, no caso do estudante, favoreça a essas condições de desenvolver o senso de pertença ao espaço universitário, logo ao movimento necessário para gerar a construção de saberes”. Assim pensando, a relação entre

professores e estudantes deve se constituir de maneira dialógica, em que os perfis dos estudantes sejam considerados e que possam auxiliar os professores na construção de suas ações pedagógicas, tendo em vista a necessidade de promoção de condições efetivas de aprendizagens dos estudantes.

Nessa direção, o presente artigo emerge de uma pesquisa matricial, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. O objetivo do estudo é compreender o que dizem os estudantes sobre as ações pedagógicas de professores universitários em relação ao desenvolvimento de aprendizagens logradas pelo estudante. O artigo está dividido em quatro outras seções, além desta introdução em que se problematiza o tema relação professor e estudante e se apresenta o objetivo da pesquisa. Na seção seguinte, trataremos, brevemente, do percurso metodológico, discorrendo sobre a epistemologia da base quantitativa em que o referido estudo foi desenvolvido. Na terceira seção, apresentamos os resultados do perfil sócio identitário dos discentes, explicitando os dados quantitativos inerentes a variáveis como sexo, idade, cor/raça, estado civil, número de filhos, com quem o discente reside, tipo de residência, renda familiar, tipo de recurso que o mantém na universidade, entre outros. Na quarta seção, discorreremos sobre questões inerentes ao que dizem os estudantes a respeito das estratégias de ensino que desenvolvem os professores nas práticas educativas na universidade. Por fim, mas não menos importante, apresentamos as considerações finais do artigo, sintetizando os achados da pesquisa e abrindo questões para novos estudos.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa se assenta na epistemologia de natureza quali-quantitativa, segundo o que preconiza Creswell (2007), por ser este tipo de pesquisa portadora de características tanto da pesquisa quantitativa, como da qualitativa, gerando um novo modo de realizar estudos em que pese a viabilidade de tanto se trabalhar com os dados numéricos, quanto com os textos que podem ser produzidos pelos colaboradores de uma pesquisa. Cabe, no entanto, destacar que para o estudo que desenvolvemos neste artigo, a metodologia é de natureza quantitativa, em que se apresentam as porcentagens considerando variáveis de frequência

nas respostas dos colaboradores, valorizando a análise a partir das maiores ocorrências encontradas.

Como dispositivo de recolha de informações, a pesquisa se desenvolveu a partir de um questionário elaborado por um grupo de pesquisadores e estudantes da docência universitária, que desenvolvem a pesquisa intitulada *Relação professor e estudante na universidade*⁵. Trata-se de um questionário construído pelas relações dialógicas tecidas por professores e estudantes no âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária – NEPPU, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Assim sendo, a construção do instrumento teve como base o perfil sócio identitário dos estudantes, bem como de suas representações a respeito das práticas educativas de professores face ao desafio de gerar condições de aprendizagem pelas relações pedagógicas que os docentes estabelecem com os estudantes na universidade. O questionário foi aplicado durante os meses de setembro a dezembro de 2020, através da plataforma *Google Forms*. Nessa dinâmica, criou-se um link para acesso ao questionário, o qual foi enviado, por e-mail, para todos os coordenadores de colegiados da instituição, com solicitação de que se aplicasse a todos os estudantes de graduação, regularmente matriculados. De um total de, aproximadamente, 10.000 estudantes da instituição, nos 28 cursos de graduação existentes, 997 acessaram e responderam as questões, o que representa uma amostra não representativa, mas de conveniência, pois tomamos por critério o fato de que o convite seria enviado a todos os discentes e que se considera como válido os questionários que fossem totalmente respondidos.

Apresentado tal panorama, é conveniente destacar que se obteve a resposta de 997 estudantes de todos os 28 cursos da universidade, com maior frequência para os cursos de licenciatura. Ressalte-se que os discentes, voluntariamente, acessaram o questionário e responderam as 36 questões, sendo 20 inerentes ao perfil sócio identitário, e 16 relativas a situações pedagógicas vivenciadas pelos professores na universidade. O questionário foi elaborado considerando situações relatadas pelos professores e

⁵Pesquisa financiada pela Chamada Universal MCTI/CNPq nº28/2018, aprovada pelo Comitê de Ética da UEFS, através do parecer nº 3.413.070. O estudo tem parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdades Sociais em Saúde (NUDES), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

estudantes pesquisadores no que tange às vivências relacionais pedagógicas no âmbito de situações do planejamento, da produção de estratégias de ensino, da avaliação educacional e dos investimentos que docentes fazem na formação continuada. Com relação aos aspectos do perfil sócio-identitário, as opções buscaram mapear idade, sexo, cor/raça, estado civil, número de filhos, com quem o discente reside, tipo de residência, renda familiar, tipo de recurso que o mantém na universidade, entre outros.

Estruturadas conforme os princípios de uma escala do tipo *Likert*, as questões foram compostas de afirmações, seguida das alternativas: nunca, às vezes, frequentemente e sempre. Diante dessas quatro opções, o participante só poderia marcar apenas uma. Essa é uma escala que é bastante útil para analisar o comportamento das pessoas diante de um dado fenômeno. No campo da educação, é uma escala de referência para se compreender os níveis de frequência com que estudantes e professores se comportam diante de situações de natureza pedagógica, e no caso da pesquisa em tela, também de natureza relacional. As afirmações se originaram, no presente estudo, de crenças comportamentais que são comumente visibilizadas no âmbito das salas de aula na universidade. Assim, as crenças revelam as atitudes que os professores adotam na relação com o estudante diante do desafio de ensinar e de possibilitar aprendizagens.

Esclarecemos que o recorte definido e trabalhado neste texto se manteve numa perspectiva de se analisar 7, das 16 questões, inerentes a situações pedagógicas desenvolvidas por professores, do questionário do tipo *Likert*. O recorte se deveu ao conjunto de questões que mantêm estreita relação com as estratégias que professores utilizam para viabilizar a aprendizagem dos estudantes.

A escolha por se trabalhar com a escala *Likert* com 4 pontos (*nunca, às vezes, frequentemente e sempre*) foi oriunda das discussões tecidas pelo grupo de pesquisadores, que se debruçaram por entender a referida escala e como ela poderia aclarar e fazer emergir significações do que se perguntava aos colaboradores do estudo. Partimos do pressuposto, de que em âmbitos de grupo de pesquisa esse tipo de escolha não é uma tarefa tão simples. A complexidade da escala nos convoca a pensar em caminhos que podem ser ou não seguidos. Segundo o que preconizam Dalmoro e Vieira (2013, p. 163)

A complexidade decorre principalmente dos múltiplos aspectos envolvidos na construção da escala. Além da questão chave de quantos itens deverá ter uma escala, é necessário tomar uma série de decisões: (1) quanto ao uso de números ímpares ou pares, o que implica em discutir a importância do ponto neutro; (2) quanto ao uso de âncoras, se elas serão verbais, se serão unidirecionais ou bidirecionais, se aparecerão apenas nos extremos.

Nessa direção analítica, a atitude é uma característica das pessoas que faz referência ao conjunto de crenças sobre algo e sua resposta em relação a isso (THURSTONE, 1928). Aferir a representação de atitudes pedagógicas no campo da docência universitária se torna importante pelo fato de que este conhecimento é útil na compreensão do comportamento relacional que professores e estudantes estabelecem na universidade, e de como isso tem relação com os processos de ensino e de aprendizagem. É uma interessante pista para se desenvolver entendimentos sobre as formas como professores e estudantes tomam decisões para ensinar e aprender na universidade, revelando conhecimento do modo como se organizam pedagogicamente as relações entre esses sujeitos no âmbito da docência universitária.

PERFIL SÓCIO IDENTITÁRIO DOS ESTUDANTES

Como forma de conhecer melhor o perfil sócio identitário dos estudantes participantes da pesquisa, foram aplicadas 20 questões inerentes ao mapeamento dos perfis, em que cada um dos participantes pode descrever vários aspectos no que se diz respeito ao seu perfil sócio identitário.

Como já mencionado, participaram da pesquisa 997 estudantes sendo a maioria composta por mulheres, com um percentual de 68,9%. Houve participantes de vários cursos de graduação da instituição. Nesse aspecto, foi possível observar dados inerentes a uma grande diversidade de cursos. Assim, dos 31 cursos ofertados pela universidade, houve participantes de 27. Dessa forma, os dados revelam um perfil variado de estudantes nas diversas áreas do conhecimento.

No que diz respeito a idade, o questionário demonstrou que 28% dos estudantes têm entre 17 e 20 anos, 42,6% têm entre 21 e 24 anos, 15,4% têm entre 25 e 28 anos e 13,9% afirmaram ter mais de 29 anos.

A princípio, nota-se que atualmente, pelos dados da pesquisa, na instituição se encontram estudantes que ingressaram em épocas bem diferentes. O ano no qual houve o maior número de ingressos foi o de 2019, onde cerca de 19,2% participantes afirmam ter entrado nesse período. Isso mostra que há um bom número de alunos que entraram recentemente na universidade. Ainda assim, 0,2% dos participantes da pesquisa informaram seu semestre de início sendo no ano de 2007.

Ao serem questionados em qual semestre se encontram, foram obtidas respostas que vão desde o primeiro ao décimo segundo semestre, além daqueles que já estão se formando ou andam dessemestralizados, completando com um número significativo de alunos que não souberam responder. Dentre as alternativas disponíveis, as que contabilizaram um número maior foi a de alunos que se encontram no intervalo que vai do terceiro ao oitavo semestre. Em contraponto, percebe-se um número extremamente baixo daqueles que se situam no final de seu curso.

Analisando os dados relacionados à cor/raça, é notável a presença de uma comunidade acadêmica majoritariamente preta, onde 45,6% dos estudantes que integram essa pesquisa se declararam assim. Dos que se consideram brancos, houve uma porcentagem de 25,7%. Que se afirmaram pardos, tem-se um registro de 19%. Daqueles que se consideram amarelos, foi encontrado o percentil de 8,3%. Finalizando com 0,4% dos que se consideram indígenas e 0,1% dos mestiços.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP a predominância de matrículas em cursos de graduação presenciais e a distância por Cor/Raça em escala nacional é mantida por pessoas brancas com um valor equivalente a 42.5% do total. Fazendo um comparativo com a quantidade de estudantes pretos, cerca de 7.1%, fica escancarada a gigante desigualdade que ainda existe. Ao analisarmos os dados da pesquisa, percebemos que a UEFS é caracterizada com grande população de pretos/pardos e não de brancos, como apontam os dados do INEP em 2019. Os dados da pesquisa no que tange à cor/raça são mais similares com o que o INEP revela sobre esse perfil na região Nordeste.

Ao analisarmos o que evidencia o censo considerando os dados da região Nordeste, destaca-se um quantitativo de 44.7% para a cor parda, seguido de 23.30% da cor branca e 9,5% da cor preta, contrariando as estatísticas quando a perspectiva está voltada para um

escopo nacional onde os dominantes são alunos brancos. No estado da Bahia, o perfil de estudantes que se autodeclaram pardos é de 42.4%. Na UEFS os dados mostram que expressivo número, chegando a 45,6%, se autodeclaram pretos.

Do quantitativo de estudantes participantes da pesquisa, o equivalente a 79,7% afirmaram que não desenvolvem nenhum tipo de atividade remunerada, ou seja, dependem de recursos da família ou auxílio do governo. Quando questionados sobre os recursos que os mantêm na universidade, 21,1% das pessoas contam com ajuda de custo, 2,3% dependem do bolsa família, 5,7% da própria família, 2,5% do Programa mais futuro, 0,10% da aposentadoria de pais, e 0,10% auxílio permanência. Há ainda um quantitativo de discentes, perfazendo um total de 7,5% que responderam recursos próprios, outros ou nenhum e os 38% que responderam que dependem de Programas de bolsas da UEFS.

O equivalente a 17,1% desses discentes dedicam tempo a algum tipo de atividade não remunerada. Das 171 respostas 27,4% afirmam dedicar de 1 a 6 horas semanais, 62% de 6 até 12 horas semanais, 5,8% de 12 até 18 horas semanais, 19,8% de 18 até 24 horas semanais, 8,1% de 24 até 30 horas semanais e não houve respostas de pessoas que trabalhassem entre 30 e 36 horas semanais, porém 2,3% afirmaram trabalhar mais de 36 horas por semana.

Quanto aos 20,3% que equivalem a pessoas que exercem algum tipo de atividade remunerada, sabe-se que 18,7% realizam atividade remunerada com vínculo empregatício, 1,6% realizam atividade remunerada sem vínculo empregatício e 1,4% contam com estágio.

Assim sendo, temos um perfil de estudantes que são em sua maioria do sexo feminino, de cor preta, que trabalham ou que dependem de recursos governamentais para se manter na universidade. Tal perfil precisa ser considerado, sobretudo para que se possa garantir tanto o acesso como a permanência formativa de tais sujeitos em contextos adversos. A docência universitária se coloca como desafiadora para muitos docentes que lançam um olhar sobre a diversidade dos estudantes a fim de construir práticas educativas que gerem aprendizagem. Conhecer o que revelam os estudantes sobre as práticas educativas de seus professores é tema a ser trabalhado na próxima seção.

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: REPRESENTAÇÕES DOS DISCENTES

As práticas educativas de um docente universitário congregam várias ações que este desenvolve para ensinar na universidade. Segundo Silva e Mattos (2021, p. 3) “A compreensão das práticas, saberes dos professores, bem como dos processos de formação pelos quais transitam é cada vez mais necessária no campo educacional”. Tal ideia ratifica a importância do desenvolvimento de práticas educativas que emergem de uma formação cotidiana na docência universitária, tecida na relação com os estudantes.

Nessa seção, em particular, nos atemos a apresentar os dados inerentes às respostas que os estudantes deram a sete questões que focalizam o modo como os discentes percebem as estratégias que seus professores desenvolvem para promover o ensino universitário. Partimos, contudo, do pressuposto que se trata de representações dos discentes, logo, dos modos como estes percebem o fazer de seus professores, não implicando, necessariamente, no feito ou não feito por parte dos docentes. No entanto, os dados são importantes para que se possa compreender como os estudantes percebem as estratégias de ensino utilizadas por seus professores e como, de certo modo, tais estratégias produzem efeitos na relação professor e estudante, e conseqüentemente na promoção de aprendizagem dos discentes.

Quando perguntamos aos discentes se os seus professores consideram os conhecimentos prévios deles para introduzir um novo assunto, 64,6% dos participantes dizem que às vezes isso ocorre. 20% dizem que isso se dá frequentemente. Apenas 10,7% dizem que isso nunca ocorre. Os dados sugerem que os estudantes percebem que seus conhecimentos são levados em consideração para que se introduza uma nova temática. Isso implica em reconhecer a importância de se estabelecer um diálogo com os estudantes, a fim de que os conhecimentos prévios possam ser considerados a fim de se introduzir novos conteúdos e modos de desenvolver a aprendizagem.

Segundo Silva (2020), a viabilização de práticas educativas movidas por práticas pedagógicas tecidas na relação dialógica com os estudantes, em que se consideram suas dificuldades, possibilita a construção de um caminho didático que favorece o desenvolvimento de aprendizagens, que segundo Moran (2013), se tornam mais significativas quando há uma mobilização e consideração dos professores em relação aos estudantes, sobretudo quando eles, os discentes, acham sentido nas atividades que os professores propõem, bem como quando para essas atividades se consideram as

condições do estudante para realizá-las. São, portanto, condições de aprendizagem, para as quais o docente considera os conhecimentos prévios dos estudantes, articulando modos operativos de como esse estudante poderá desenvolver uma nova aprendizagem (POZO; MATEOS, 2009).

Pozo (1998) tratando dos conhecimentos prévios no campo educacional, apresenta três origens em que se explica a tecitura de tais conhecimentos. Trata-se, portanto de conhecimento prévio sensorial (concepções espontâneas) baseadas em informações obtidas por meio de interações com o mundo natural; cultural (concepções induzidas) relacionadas a um conjunto de crenças partilhadas pelo grupo social a que o estudante pertence; e escolar (concepções analógicas), relacionadas à comparação entre domínios distintos do saber.

Na relação professores e estudantes é essencial que tais conhecimentos sejam levados em consideração quando se propõe a construção de novos conhecimentos. Assim sendo, seriam por meio de relações dialógicas o modo como professores e estudantes podem produzir conhecimentos sobre o que já se sabe para, então introduzir o que se precisa saber. Nessa lógica, os dados evidenciam que de alguma forma a maioria dos estudantes explicitam a informação de que seus conhecimentos prévios são levados em consideração por seus professores, o que sugere haver, pelo menos, uma preocupação dos professores com o que os estudantes já sabem para ensinarem novos conteúdos.

No entanto, seria necessária uma outra abordagem metodológica para compreender como de fato se dá essa consideração nas práticas educativas dos professores. Essa será uma outra etapa da pesquisa a ser desenvolvida em rodas de conversa com os estudantes.

Uma outra questão que implica nas condições de aprendizagem do estudante, que é atravessada pela relação entre professores e estudantes, diz respeito à temporalidade do aprender e do dirimir dúvidas dos estudantes. É muito comum que os professores universitários esgotem o tempo de aula com exposição e com atividades inerentes ao desenvolvimento da própria aula. Com isso, há pouco espaço para que os professores possam, no contexto da própria aula, abrir tempo para diálogos com os estudantes em função de dirimir suas dúvidas sobre o que está sendo tratado. No entanto, os estudantes

revelam um significativo percentual que os professores dedicam tempo para discutir e aclarar as dúvidas dos discentes.

Assim, quando perguntamos se durante as aulas ministradas pelos seus professores, há um tempo dedicado para tirar as dúvidas dos estudantes, 42,3% afirmam que às vezes isso acontece. Para 37,3% dos respondentes isso ocorre frequentemente. Apenas 1,9% dos estudantes dizem que isso nunca ocorre. Há ainda que se considerar, que apesar de um pequeno percentual, 18,5% dos estudantes afirmam que sempre os professores dedicam tempo para dirimir dúvidas durante o tempo de aula. Assim sendo, os dados sugerem que a prática educativa, além de considerar os conhecimentos prévios dos estudantes, ela se consolida numa temporalidade que não é toda dedicada à exposição de temas e conteúdos das aulas.

Isso aponta para uma dimensão dialógica que se evidencia na relação professor e estudante, em que a docência universitária transita por cenários reflexivos em que o estudante é ouvido e passa a ser protagonista do processo. Mas há de se considerar o fato de que para uma autonomia reflexiva se estabelecer gerando condições de aprendizagens, os professores precisam criar condições para isso. Abrir tempo durante a aula para os estudantes dirimir suas dúvidas é um tipo de **muleta**, como assevera Pozo (2002) que o aluno usa, para poder lograr o conhecimento. Uma vez a dúvida dirimida, o estudante cria condições reflexivas de gestar sua própria consciência formativa e desenvolver a aprendizagem.

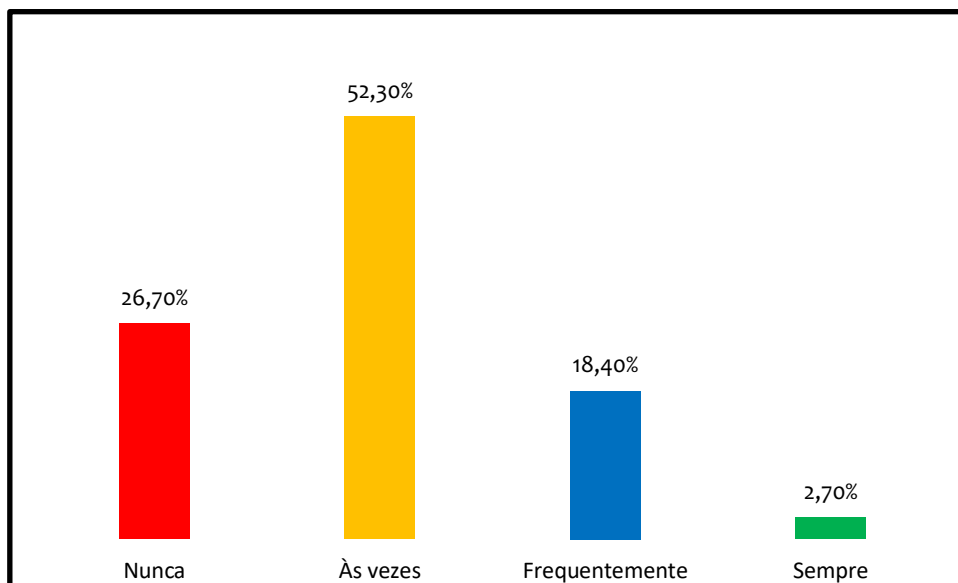
Tratando do trabalho dos professores universitários face às necessidades de criar estratégias para a produção de conhecimento dos discentes, Pozo (2002) compara esse processo de aprendizagem, pautado no protagonismo e na autonomia, à construção de uma obra, em que, primeiramente, os professores colocam **andaimes**, ou seja, emprestam sua consciência ao aluno. Isso implica, por exemplo, nos professores abrirem espaço em suas aulas para que os estudantes possam dirimir suas dúvidas e estabelecer uma relação dialógica para aprenderem o que é intencionado pelo professor. Nessa direção, aos poucos, os professores vão criando condições, que são um tipo de suporte, e vão, aos poucos, retirando o suporte, dando, cada vez mais, a condição do estudante desenvolver sua própria consciência reflexiva sobre o assunto a ser aprendido. Dessa forma, abrir uma

temporalidade na aula para dirimir dúvidas dos estudantes faz com que os próprios discentes desenvolvam consciência de si mesmo e não precisem mais de tais **muletas**.

De acordo o que preconiza Pozo (2002), quando o estudante não precisa mais de aparatos, como tempo dedicado a explicar o que não foi entendido, é porque o estudante conseguiu tomar consciência do próprio funcionamento cognitivo e dos modos como ele aprende, gerando autonomia e autoconfiança em seu processo formativo. Tal situação impacta na criação de uma relação professor e estudante baseada em princípios de afetividade, de acolhimento, de confiança mútua e de aprendizagem, visibilizada no material pedagógico que os docentes selecionam para ministrarem as aulas. Nessa seara, se inclui todo e qualquer material, recurso pedagógico de que fazem uso os professores, sejam em aulas teóricas ou práticas. Não fizemos uma separação por tipo de materiais e sua natureza, mas consideramos na pergunta o fato de o material pedagógico ter alguma relação com as próprias dificuldades dos discentes, bem como se tal material tem algum impacto nos processos de aprendizagem dos estudantes. Assim, sendo, perguntamos aos discentes se os seus professores selecionam o material didático a partir da capacidade de compreensão dos estudantes.

A seguir, apresentamos no Gráfico 1, os dados relativos à ação dos professores frente a seleção de materiais didáticos.

Gráfico 1 – Dados da Pesquisa



Fonte: Elaboração dos autores (2021).

A partir da leitura dos dados representados no gráfico 1, é possível perceber que a maioria afirma que às vezes os professores fazem a seleção do material considerando as dificuldades dos estudantes. Não dá para precisar, na escala *Likert*, o número exato dos que fazem às vezes, sim e às vezes não, mas nesse quantitativo há sempre a percepção de estudantes de professores que assim realizam a seleção do material pedagógico em função das dificuldades dos alunos. Há de se considerar, ainda, o fato de que 18,4% afirmam que isso ocorre frequentemente. De modo geral, os dados mostram que os professores mais fazem esse tipo de seleção, do que não fazem, embora se registre um total de 26,7% dos respondentes que afirmam nunca terem os professores selecionado materiais pedagógicos em função de suas dificuldades.

Há de se considerar algumas variáveis nos dados inerentes à essa questão. Primeiro há uma variedade de áreas e cursos, o que pode justificar o significativo número de estudantes revelando percepções que os materiais pedagógicos não são selecionados com base nas dificuldades dos estudantes. Num curso de medicina, por exemplo, a natureza do material pedagógico é distinto dos selecionados por um professor de engenharia, que também é distinto das que são selecionadas por um professor do curso de música. Assim, em algumas situações pedagógicas é possível considerar a dificuldade e a habilidade do estudante para a produção do material pedagógico. Em outras situações não, necessariamente. Há ainda de se considerar a natureza do componente curricular de ser teórico, prático ou ainda teórico-prático. Outra situação refere-se a natureza de componentes curriculares como estágio supervisionado, em que a dificuldade do estudante pode ser mais contemplada nos materiais que os professores selecionam.

Para a seleção do material há, contudo, de se considerar o planejamento que o professor constrói para a realização da aula. Leva-se em consideração diversas situações, como o próprio contexto da temática a ser trabalhada, o tempo que se levará para tal desenvolvimento, mas também há de se considerar os contextos e os sujeitos com quem a aula será desenvolvida. Segundo Libâneo (2001, p. 22), o planejamento tem grande importância por tratar-se de “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Nesse sentido, a realidade educacional, que neste caso deve levar em consideração as

dificuldades dos estudantes, precisa ser considerada para que haja ajustes no planejamento e se garanta a equidade do plano pedagógico face às necessidades formativas dos estudantes na universidade.

Numa dinâmica de corroborar com a necessidade de elaboração do planejamento a partir das dificuldades dos estudantes. Oliveira (2007, p. 21) defende que

[...] o ato de planejar exige aspectos básicos a serem considerados. Um primeiro aspecto é o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim, traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar.

Tal perspectiva vai ao encontro do que defendeu Silva (2020, p. 8) quando afirmou ser “preciso que o professor na universidade não perca de vista a necessidade de criar relações pedagógicas com os estudantes com o objetivo de que possam conhecer a realidade dos seus alunos [...]”. Isso implica em reconhecer que a seleção de material pedagógico para o desenvolvimento das aulas se dá, também, com a convivência com os estudantes, ouvindo suas histórias, sobretudo as inerentes às dificuldades que enfrentam na vida universitária.

O uso de estratégias motivacionais foram, também, elementos que figuram em nossa pesquisa, a fim de compreender como os estudantes percebem o desenvolvimento de estratégias construídas pelos professores para os motivar a aprender. Nessa direção, perguntamos aos discentes se seus professores utilizam algumas estratégias a fim de que os estudantes se sintam motivados a aprender o conteúdo da sua disciplina.

Os resultados sugerem que a grande maioria das respostas sinalizam uma relativização do feito. Assim, para 67,5% dos respondentes, a utilização de estratégias para motivar os estudantes a aprenderem o conteúdo das disciplinas ocorre na frequência às vezes. Para 15,8% dos discentes isso ocorre frequentemente. Nessa direção os dados sugerem que há uma percepção dos estudantes sobre a motivação que os professores geram no trato com a aprendizagem que esperam que os estudantes logrem em seu componente. Tal dado aponta para uma transposição de ideias que se limitavam a motivar o aluno a aprender porque o conteúdo era importante. Há algo mais nessa representação

que faz com que os professores, em suas diferentes áreas e situações estejam preocupados em motivar e mobilizar os estudantes a aprenderem o que ensinam.

Não há, no recorte do estudo que desenvolvemos, perspectiva de adentrar a temática motivação, pois ela por si só já geraria uma densa reflexão e discussão, o que extrapolaria os limites de reflexões a que nos propomos e que cabe nesse texto. No entanto, é bom considerar que há na literatura psicológica sobre motivação larga discussão a respeito de como o estudante constrói percursos de autorregulação das formas de aprender. Trata-se do ponto de vista cognitivista de que para que qualquer estudante seja bem-sucedido é preciso que saiba utilizar de forma autorregulada, autodirigida e ativa estratégias para gerenciar tanto a motivação como o comportamento e a aprendizagem. Em outras palavras, se faz necessário que o discente seja capaz de aprender a aprender.

Segundo Travis (1996) e Dembo (2000), no contexto universitário isto constitui uma tarefa bastante complexa já que, neste, as contingências são bastante diferentes daquelas do ensino fundamental ou médio, em que a atuação do professor parece implicar mais incisivamente na motivação dos estudantes. No ensino universitário, conforme assevera Pozo (2002), a autonomia reflexiva demanda um processo de autonomia do estudante que se constrói, também, com a participação dos professores. Assim sendo, é necessário que os professores criem condições de motivação para despertar o interesse do estudante. Mas de fato, pelo que preconizam Travis (1996) e Dembo (2000) o estudante precisa desenvolver estratégias de autorregulação para sentir-se motivado, e não só esperar que a motivação ocorra por incentivo ou ação dos professores, como é mais frequente ocorrer na educação básica.

Uma das formas dos professores criarem condições para motivarem os alunos a aprenderem consiste em aproximar-se afetivamente do estudante, mantendo uma relação pedagógica de proximidade, que possibilite tanto a professores como a estudantes construírem condições de ensinar e de aprender. Segundo Silva (2021, p. 235),

Há muitas ações em jogo, que se concretizam pela complexidade de processos mobilizados na ação de ensinar, visto que, para isso, o docente, por princípio fundante, deve produzir condições para que os estudantes mobilizem seus próprios saberes na perspectiva de construir outros novos.

As ações em jogo a que se refere Silva (2021) constituem-se, sobremaneira, pela necessidade de que professores e estudantes criem condições efetivas para manterem uma relação pedagógica de proximidade, em que o estudante possa ser acolhido e se sentir confiante para aprender. Tendo, nessa condição, abertura para dialogar com seus professores, sem se sentirem incapazes ou menosprezados por estes. Trata-se de uma relação entre professores e estudantes que demanda aprendizagem mútua, em que a proximidade e confiança possam se presentificar no processo educacional.

Nesse sentido, o professor passa a ser um estrategista, um arquiteto da docência, em que desenvolve a consciência da efetividade de seu ensino a partir da relação dialógica e da escuta das dificuldades que apresentam os estudantes em sua jornada acadêmica na universidade. A esse respeito Silva e Oliveira (2021, p. 5) consideram que

É imprescindível destacar que este papel de estrategista do docente se constrói a partir de uma tomada de consciência que possibilite que o mesmo se coloque à disposição para ouvir os alunos e conhecer suas necessidades e principais dificuldades.

Nessa dinâmica, a relação entre professores e estudantes passa a ser fundante para a promoção de aprendizagens, logo para uma abertura dialógica que favorece condições do desenvolvimento da ação de aprender. No que se refere ao aspecto da relação entre professores e estudantes, perguntamos aos discentes se a maneira como seus professores se relacionam com os estudantes influencia na sua aprendizagem. Os dados apontam para uma significativa representação de que quanto mais houver proximidade nessa relação, maior as condições do estudante aprender. Para 54,4% dos estudantes a resposta foi sempre e para outros 28,9% a resposta foi frequentemente. Apenas 1,6% responderam que nunca. Assim, os dados sugerem que a maneira como os professores se relacionam com os estudantes impacta positiva ou negativamente nas condições de aprendizagem destes. É nesse cenário que acreditamos ser a relação de proximidade, de acolhimento e de afetividade uma das formas pelas quais os professores podem, na universidade, desenvolver melhores e efetivas condições de aprendizagem para os estudantes.

Assim como defenderam Silva (2021), Silva e Oliveira (2021), Pozo (2002) a relação de proximidade, de escuta, de abertura para o diálogo favorece condições para que

estudantes e professores encontrem formas de desenvolver processos de ensino e de aprendizagem que superem as dificuldades, sobretudo as dos estudantes, que se interpõem no transcurso formativo e profissional desses sujeitos.

Em se tratando das dificuldades que os estudantes enfrentam na universidade, Pozo (2002), adverte que pode haver dificuldade no movimento de aprender um conteúdo, mesmo o estudante contando com a ajuda dos professores. No entanto, o mesmo autor chama a atenção para o fato de que a prática educativa seja planejada e se construa a partir das realidades e dificuldades dos estudantes. Isso demanda um planejamento flexível e que seja tecido pelo diálogo com os estudantes, que precisam ser partícipes do processo. É claro que há de se considerar a necessidade de um papel ativo do estudante para promover a superação de suas dificuldades.

Nem tudo estará sob a ótica da relação professor e estudante, ou sob o modo como o professor ensina. Trata-se, contudo, de uma compreensão que advoga, também, as existências de responsabilidades dos estudantes para com a sua vida acadêmica e profissional, em que se faz necessário investir tempo de estudo, e conseqüente superação de obstáculos que se encontram nos percursos de sua própria formação. É um movimento de autorregular-se e de construir condições para a produção de uma autonomia, o que não exclui a relação com os professores.

Tem-se como fundamental que os professores organizem e planejem sua prática levando em conta não só como os alunos aprendem, mas como gostariam que aprendessem. E isso implica em construir condições pedagógicas, como defendem Silva e Oliveira (2021) para criar uma ambiência em que as dificuldades dos estudantes possam ser expostas e trabalhadas pedagogicamente pelos professores. Para tal é fundamental conhecer os educandos, comunicar-se, selecionar e aplicar estratégias que favoreçam a aprendizagem. E é esse princípio que vemos ser retratado nos dados da pesquisa, quando os estudantes evidenciam a importância dos professores dedicarem tempo para dirimir suas dúvidas em sala de aula; selecionarem material didático considerando as necessidades formativas dos estudantes, bem como suas dificuldades no processo; utilizarem estratégias de ensino para motivar os estudantes a aprenderem o conteúdo que ensinam; criar boas condições de relacionamento com os estudantes, a fim de que estes possam se sentir capazes e motivados para aprender.

Enfim, na vida universitária, professores e estudantes precisam superar desafios, e o caminho, pelo que os dados deste estudo revelam, constrói-se em paradigmas de uma prática educativa dialógica, assentada na disposição de alunos se autorregularem e de professores se disporem a criar uma relação afetiva e efetiva com os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou compreender que os estudantes universitários, participantes da pesquisa estão, em sua maioria, em uma faixa etária entre 21 e 24 anos, são do sexo feminino, se autodeclaram pretos, são solteiros, não possuem filhos, residem com pais e familiares, moram em residências próprias ou de parentes, moram em Feira de Santana, município sede da universidade. Possuem renda mensal de até um salário-mínimo, geralmente recurso oriundo de algum tipo de bolsa de programas vinculados à universidade, não desenvolvem outra atividade remunerada. São estudantes que residem em distâncias próximas à instituição, perfazendo, o percurso de 15 a 45 minutos de transporte, os quais são pagos com recursos próprios. Em sua maioria, também, são estudantes oriundos da rede pública de ensino da educação básica, de escolas que se localizavam em zonas urbanas.

Nesse cenário, o perfil sócio-identitário dos estudantes da universidade evidencia uma população que necessita de uma formação universitária gratuita, de qualidade que lhes dê condições de ter via tal formação a possibilidade de desenvolver-se profissionalmente e inserirem-se no mercado de trabalho. São uma população de baixa renda, negra, oriunda de escola pública, que não possui recursos próprios, a não ser aqueles que se originam de programas de bolsas vinculadas à universidade. Nesse sentido, a universidade faz toda diferença na vida desses jovens, possibilitando que eles possam se desenvolver enquanto pessoas e cidadãos críticos, conscientes de sua responsabilidade social e familiar.

No que tange aos dados das questões realizadas com os estudantes, percebeu-se que eles valorizam a relação professor e estudante como fundante para o processo de desenvolvimento de suas aprendizagens. Nessa direção, os estudantes possuem representações de que quanto mais houver uma relação dialógica com os professores, eles

conseguem produzir uma autonomia reflexiva e criar mecanismos de motivação de autorregulação e de motivação para aprender.

Os estudantes reconhecem que os professores realizam seleção de material didático levando em consideração as dificuldades dos estudantes, que desenvolvem estratégias de ensino que os motive. Além disso, relatam que os professores consideram seus conhecimentos prévios no momento de introduzir novos assuntos, o que evidencia existência de relação dialógica entre professores e estudantes. Ademais, há significativos dados que evidenciam o fato de os professores considerarem, no interior da própria aula, a necessidade de garantir tempo para dirimir as dúvidas dos estudantes. Tal prática parece mostrar que os professores universitários estão, também, preocupados com a aprendizagem dos estudantes e não só em ensinar os conteúdos.

Os dados da pesquisa nos permitiu, ainda, concluir que os estudantes reconhecem o fato de que os professores utilizam estratégias de ensino que visem o melhor desempenho de aprendizagem dos estudantes, bem como os motive a desejar conhecer e aprender os conteúdos que ensinam. Isso reforça o dado que também é bastante visível na maneira com que os professores se relacionam com os estudantes, situação que produz impactos positivos e/ou negativos em suas aprendizagens. A relação é compreendida pelo viés de uma ação fundante para garantir condições de aprendizagem na universidade.

REFERÊNCIAS

CRESWEL, John. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALMORO, Marlon; VIEIRA, Kelmara Mendes. Dilemas na construção de escalas tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, p. 161-174, 2013.

DEMBO, Myron. **Motivation and learning strategies for college success**. A self management approach. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 08 nov. 2021.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**, 2013. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 08 set. 2021.

MONTERO, Luís. **La Construcción del conocimiento profesional docente**. Rosario - Santa Fe, Argentina: Homosapiens, 2001.

MUSSI, Amali de Angelis. A Formação do Professor para Atuação na Educação Básica: diálogos acerca das propostas formativas na perspectiva da profissionalidade docente. In: PIMENTEL, Susana Couto; LOPES, Adriana Lourenço; SANTOS, L. D. A. (Org.). **Formação de Professores: políticas, saberes e práticas**. Feira de Santana: Shekinah Editora, 2013, p. 09-23.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1998.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

POZO, Juan Ignacio; MATEOS, Mar. Aprender a aprender: Hacia una gestión autónoma y metacognitiva del aprendizaje. In: POZO, Juan Ignacio; ECHEVERRÍA, Maria Del Puy Pérez. **Psicología del aprendizaje universitario: La formación en competencias**. Madrid: Ed. Ediciones Morata, 2009.

SANTOS, Cenilza Pereira dos. **As representações de estudantes de Pedagogia, professores em exercício, sobre a relação professor-estudante**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia (Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade), Salvador, 2009.

SANTOS, Cenilza Pereira. dos; SOARES, Sandra Rodrigues. Aprendizagem e a relação professor-aluno na universidade: duas faces de uma mesma moeda. In: **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 353-370, maio/ago. 2011. Disponível em <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1641/1641.pdf>. Acesso em 22 set. 2021.

SILVA, Fabrício Oliveira da. Perfil Sócio-identitário e Profissional Docente no Ensino Superior: Implicações na/da Relação Professor e Estudante. **Revista Internacional Educon**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-16, e20011020, 2020.

SILVA, Fabrício Oliveira da. Documentando as aprendizagens experienciais da docência na/pela relação com estudantes. **Revista de Educação Popular**, v. 20, n. 1, p. 233-250, 2021.

SILVA, Fabrício Oliveira da; OLIVEIRA, Andrea Santana de. Ensino e aprendizagem da escrita acadêmica na universidade: o que narram professores e estudantes? **Dialogia**, São Paulo, n. 37, p. 1-13, e19451, jan./abr. 2021.

SILVA, Fabrício Oliveira da; MATTOS, Rita de Cássia Menezes de. Escritas e reflexões de si: memorial como dispositivo auto formativo. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-22, 2021.

THURSTONE, Louis Leon. Attitudes Can Be Measured. **American Journal of Sociology**, v. 33, n. 4, p. 529 – 554, 1928.

TRAVIS, Jon Evans. **Models for improving college teaching: a faculty resource**. Washington, DC: Jossey-Bass, 1996.

ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib; CUNHA, Maria Isabel da. Políticas da educação superior e inovações educativas na sala de aula universitária. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. 1. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

Enviado em: 17-12-2021

Aceito em: 04-08-2022

Publicado em 17-08-2022